

DOMINICA PASCHÆ IN RESURRECTIONE DOMINI

2007



Surrexit Dominus vere (Lc 24, 34)

ZVJAGIN A.

CARTA DO MINISTRO GENERAL OFM

É Páscoa, a festa da vida: «Por que buscais entre os mortos aquele que está vivo? Não está aqui, ressuscitou» (Lc 24, 5-6). É Páscoa, nos visita a esperança: “Por que vos perturbaís, e por que duvidais em vosso coração?” (Lc 24, 38) “Não temais” (Mt 28, 10). “Sabei que eu estou convosco... (Mt 28, 20)”. É Páscoa, somos convidados a caminhar. “Ide e avisai a meus irmãos que se dirijam para a Galiléia; ali me verão” (Mt 28, 10; cf. Mc 16, 7).

Queridos irmãos e irmãs: Que Cristo ressuscitado ilumine com sua luz nosso caminhar, fortaleça com sua presença nossa esperança, e que sua ressurreição nos encha de vida, e vida em abundância!

Fazendo memória

Fazem apenas alguns meses que nossa Ordem celebrou o Capítulo geral extraordinário, um acontecimento verdadeiramente pascal para os que dele participamos e para toda a Fraternidade. Conduzidos na mão pela experiência dos discípulos de Emaús, cujo ícone (cf. Lc 24, 13- 35) nos acompanhou durante todo o Capítulo (*O Senhor fala-nos no caminho = Sfc 3*), sentimos como o Senhor nos fala pelo caminho, e como a experiência do caminho nos ajuda a compreender melhor a própria vocação (cf. *Sfc*, 10). Como Cléofas e seu companheiro, também nós experimentamos que nos ardia o coração ao partilhar o pão da Palavra e o pão da Eucaristia, e que pouco a pouco o Senhor nos ia mostrando seu rosto (cf. *Sfc* 8). Como os discípulos de Emaús, “no contexto da fé compartilhada”, também nós expressamos nossos temores com liberdade, e nosso coração se abriu ao mistério do outro (cf. *Sfc* 3). E como eles, também nós, mendicantes de sentido (cf. *Sfc* 6), enquanto compartilhamos nossas interrogações, nossos cansaços e nossas incertezas (cf. *Sfc* 7), fomos visitados pela esperança “fundada em Cristo pobre e crucificado e em seus representantes, os pobres e crucificados desta terra.” (*Sfc* 9) E então, com surpresa e estupor, nos damos conta de que recebemos a força interior que brota da Páscoa e que nos faz voltar aos irmãos com renovado entusiasmo (cf. *Sfc* 3), libertando-nos, pouco a pouco, da desilusão, bem como do pragmatismo superficial e dos fáceis idealismos. (cf. *Sfc* 9).

Porém, o Capítulo quis ser um *Capítulo aberto* e como tal chamado a continuar em cada Entidade e em cada irmão. Deste modo, a experiência pascal que vivemos juntos, durante nossa “peregrinação aos luga-

res que conservam o fascínio original de nosso carisma” (*Sfc 2*), continuará experimentando-se em nossas fraternidades locais e no coração de cada um de nós. Isto será possível se acolhermos os convites que nos fez o Capítulo e colocarmos em prática as *orientações* que nasceram dele. Para ajudar-nos a *passar do bom para o melhor*, desejo compartilhar convosco alguns desses apelos ou convites.

Conversavam entre si, enquanto andavam pelo caminho

A Ordem, com o projeto *a graça das origens*, quis continuar um processo, iniciado com a promulgação das atuais *Constituições Gerais*, de *re-criar e re-fundar* nossa vida e missão, para viver hoje nossa identidade franciscana com dinamismo e criatividade, fiéis a Deus e ao mundo, e sempre “sujeitos aos pés da santa Igreja” (*2R 12,4; cf. Sfc 8*).

Deste modo queremos dar uma resposta evangélica aos sinais dos tempos, através dos quais, “raios de luz presentes na noite escura de nossas vidas e de nossos povos”, nos sentimos interpelados por Deus (*cf. O Senhor lhes dê a paz 6*), e, ao mesmo tempo, queremos “reproduzir com coragem a audácia, a criatividade e a santidade” de Francisco e Clara (*cf Vita Consecrata= VC 37*).

Para isso, o documento *O Senhor fala-nos no caminho* nos recorda que é necessário viver numa atitude de “permanente discernimento”, de fé e criatividade, avaliando constantemente nossa vida (*Sfc 35*) e nossa missão (*cf. Sfc 33*). Isso nos permitirá atualizar nosso carisma “diante dos desafios de uma mudança epocal” (*Sfc 1*), e dar uma resposta evangélica e franciscana às perguntas de nossos contemporâneos “sobre o sentido da história, da existência e da vida”, perguntas que são também as nossas (*cf. Sfc 6*). Diante dos modelos estáticos de fidelidade, nos é pedido viver em perspectiva de processo e, em consequência, de projeto. Diante da tentação do fechamento para dentro ou de fuga para fora, somos chamados a viver em atitude de discernimento, não só para projetar nosso futuro, mas, sobretudo, para intuir a vontade do Senhor aqui e agora (*cf. Rm 12,2*), voltando o olhar para o futuro (*cf. VC 110*).

A *re-criação e re-fundação* de nossa vida e missão exigem, antes de mais nada e acima de tudo, discernimento para conhecer a vontade do Senhor. Por isso, individualmente e comunitariamente, somos chamados a orar constan-

temente com Francisco: “Oh, alto e glorioso Deus, ilumina as trevas de meu coração... para que possa conhecer e cumprir teu santo e veraz mandamento” (*OC*). Exige também discernir o mais objetivamente possível nossa realidade. A realidade interna: idade dos irmãos, presenças e compromissos, possibilidades e fragilidades tanto dos irmãos como da própria Entidade. E a realidade externa: o contexto social, cultural e político em que nos movemos. E à luz desta dupla realidade, temos de tomar decisões oportunas, com *lucidez e audácia*, ainda que nos chegue a sangrar o coração. Em tudo isso temos de fazer um grande esforço para não deixar-nos levar nem por idealismos sem fundamento, nem por um realismo asfixiante. Diante da realidade pela qual atravessam algumas Entidades, não podemos simplesmente optar por voltar-nos para dentro a fim de manter as velhas estruturas. Temos de permanecer criativos para abrir-nos ao futuro, mesmo em situações adversas.

Isto supõe uma aproximação crítica à realidade, porém sempre a partir de uma visão de fé, iluminados pela Palavra, em profunda comunhão com Deus e com a Igreja, pois, como bem nos lembra o documento capitular, “para interpretar a vida não basta a proximidade com a realidade”. “É preciso olhá-la com os olhos da fé, quer dizer, vivê-la em relação profunda com Deus, com sua Palavra, e em estreita comunhão com a Igreja” (*Sfc 14*). Somente um olhar de fé nos permitirá *olhar o passado com gratidão, viver o presente com paixão e abraçar o futuro com esperança* (*cf. Novo millennio ineunte 1*).

Em todo o discernimento que queira ser franciscano temos de *tomar o livro do Evangelho e pedir conselho a Cristo* (*cf. 2Cel 15*). Este segundo ano de preparação para o VIII Centenário da Ordem nos convida a viver o Evangelho com ousadia: *Ousemos viver o Evangelho!*, é o lema que nos acompanhará neste ano. Viver o Evangelho é deixar-nos iluminar por ele e tomá-lo como critério principal de nosso discernimento pessoal e fraterno.

Queridos irmãos e irmãs: dentro do projeto *a graça das origens*, durante o ano de 2006 éramos convidados a colocar-nos em atitude de discernimento e a perguntar-nos: “Senhor, que queres que eu faça?”. Esta atitude e esta pergunta hão de acompanhar-nos durante toda a nossa vida. Vivamos em atitude de discernimento. Coloquemo-nos a caminho com a certeza de que o Senhor vai à nossa frente (*cf. Mc 16,7*). Como os discípulos no primeiro dia da semana, e como os dois de Emaús naquela mesma tarde, corramos também nós (*cf. Jo 20,4*), levantemo-nos imediatamente (*cf Lc*

24, 33). Somente nesta atitude poderemos discernir o que o Senhor quer de nós e somente assim poderemos comunicar com convicção: “É verdade! O Senhor ressuscitou!” (Lc 24, 34)

Naquela mesma hora voltaram a Jerusalém e encontraram reunidos os Onze

Quando aos dois de Emaús se abriram os olhos e reconheceram a Jesus, “levantando-se naquela mesma hora, voltaram a Jerusalém” para encontrar-se com a comunidade da qual tinham se afastado (cf. Lc 24,33). Para todos quantos seguimos o carisma de Francisco a fraternidade, que é chamada a converter-se em âmbito privilegiado de encontro dos irmãos com Deus (cf. CCGG 40), é também o âmbito privilegiado para viver a alegria da páscoa e compartilhar com os demais a própria experiência de fé. Por sua parte, o documento final do Capítulo nos recorda que a fraternidade é um dom que devemos acolher com gratidão, ao mesmo tempo que temos de construí-la com perseverante tenacidade. Tal compromisso é apresentado como “uma de nossas tarefas fundamentais” (Sfc 27). Fazemos parte de uma fraternidade chamada a crescer constantemente. Somos chamados a ser construtores de fraternidade e não só consumidores, ainda mais que nossa realidade, pessoal e fraterna, está marcada sempre “pela finitude e pelo pecado” (Sfc 24). Neste contexto se compreende muito bem a chamada capitular a cuidar da vida fraterna: “nossa fraternidade necessita de uma especial atenção de nossa parte” (Sfc 31), “requer acompanhamento e cuidado materno” (Sfc 32).

Que significa cuidar da vida fraterna? O documento capitular nos dá indicações importantes para cumprir esse mandato. Cuidar da vida fraterna significa cuidar das *relações humanas*, que entre nós são às vezes deficitárias, e descobrir as *raízes teológicas* da fraternidade, pois “o fato de reconhecer-nos como irmãos nasce da fé em um Deus que é Pai de todos.” É a partir dessa convicção que reconhecemos o outro como irmão “e podemos dizer como Francisco: ‘o Senhor me deu irmãos’” (Sfc 26). Cuidar da vida fraterna significa lutar contra toda a espécie de *divisões*, que certamente não são algo alheio à nossa vida fraterna (cf. Sfc 31). Em um mundo fragmentado e dividido como o nosso, só é possível ser sinal profético se superamos qualquer tipo de divisão entre nós, e se somos verdadeiras pontes de comunhão entre todos (cf. Sfc 31). As diferenças, longe de serem ameaças, são “boa notícia de um Deus sempre fecundo”

(Sfc 4). Cuidar da fraternidade significa utilizar adequadamente os instrumentos que nossa legislação põe à nossa disposição, tais como: a formação permanente, o capítulo local e a correção fraterna. Cuidar da vida fraterna significa algo tão simples, e às vezes tão difícil, como o perdoar-se mutuamente e o buscar a todo momento caminhos de comunhão (cf. Sfc 31.53).

Porém, consciente de que a maior dificuldade na construção da fraternidade parece estar na falta de uma comunicação profunda entre nós e na dificuldade de falar juntos, de maneira justa e verdadeira, sem reservas e com a necessária confiança, a partir de nossas pobreza, o documento capitular insiste sobretudo na *comunicação*, como meio privilegiado para o cuidado da vida fraterna. Uma comunicação profunda, que nos leve: a questionar “o estilo de nossa vida” (Sfc 3), a “superar o individualismo e o isolamento que amiúde caracterizam nossas vidas e nossas obras” (Sfc 49/1), a partilhar “as alegrias e as dificuldades de sermos irmãos, a refletir sobre nossa vocação pessoal e aprofundar juntos o nosso seguimento de Cristo e nossa fé em Deus” (Sfc 51), a “partilhar e celebrar a vida em todas as suas dimensões” (Sfc 32), a pronunciar nós mesmos desde a fé o que trazemos em nosso interior (cf. Sfc 43). A *metodologia de Emaús* que o documento do Capítulo geral extraordinário apresenta como “caminho e método que nos guiará rumo ao futuro” (Sfc 39), “pedra angular para nosso crescimento como Irmãos Menores” (Sfc 49/1) e “escola de fraternidade” (Sfc 51), nos ajudará a tudo isso se a colocarmos em prática nas fraternidades, nas Províncias e Custódias.

O que pretendemos com a *re-fundação* é dar qualidade à nossa vida e missão, porém esta só pode ser alcançada através da qualidade das relações, que por sua vez depende da qualidade da comunicação consigo mesmo, com os demais e com Deus. Da comunicação depende a vida fraterna, o rosto de nossas fraternidades e, por isso mesmo, nosso testemunho fundamental no mundo (cf. Sfc 34). Por isso, o documento capitular nos pede que avaliemos continuamente os modos de nossa comunicação. Comunicar é “sair de nós mesmos ao encontro do outro, do diferente” (Sfc 22). Comunicar significa afirmar a necessidade do outro, reconhecer que sempre somos devedores, confessar que o dom de Deus nos precede (cf. Sfc 20). Somente sabe comunicar-se quem reconhece como sua verdade fundamental a própria pobreza pela qual “nada nos pertence, tudo é um bem recebido, destinado a ser compartilhado e restituído” (Sfc 19). Por outro lado, a dimensão antropológica da comunicação

nos recorda que comunicar é, acima de tudo, dar-se aos demais, fazer o outro partícipe da própria vida, dispondo-se ao mesmo tempo a receber dos outros. A comunicação não é, portanto, um movimento unidirecional, mas circular, recíproco e interativo. Os capitulares tem sentido a urgência de que nossas fraternidades se convertam em espaço de confronto, de diálogo e de comunicação fraterna. Somente assim reconstruiremos o tecido fundamental da confiança mútua (cf. *Sfc* 16), e somente assim poderemos confiar uns nos outros, acolher-nos uns aos outros, estimular-nos reciprocamente, corrigir-nos quando necessário e amar-nos em todo o momento. (cf. *Sfc* 15)

Narraram os acontecimentos do caminho

A caminho, e cuidando da vida fraterna em comunidade, somos chamados a sair e “encher a terra com o Evangelho de Cristo” (*ICel* 97). E posto que “nos encontramos imersos numa mudança de época, com novos paradigmas e categorias”, *o Senhor fala-nos no caminho*. É Cristo ressuscitado aquele que nos faz uma chamada insistente para levar a termo, com *lucidez e audácia*, “uma séria revisão de nossa missão” e a “ensaiar caminhos inéditos de presença e testemunho” (*Sfc* 33), que nos ajudem a viver o Evangelho como “fraternidade-em-missão a serviço da Igreja e do mundo” (*Sfc* 58), como menores entre os menores da terra (cf. *Sfc* 33). O documento capitular nos convida a uma “revisão crítica contínua (...) de nossos atuais ministérios” (*Sfc* 58), de tal modo que possamos “reencontrar o centro de nossa missão”, “abraçar mais decididamente


a liminalidade de nossa vida”, “habitar a marginalidade como essência de nossa identidade franciscana” (cf. *Sfc* 33), e fazer-nos presentes “em ambientes de fronteira e de conflito” e “nos novos areópagos” (cf. *Sfc* 36).

Como Francisco, todos nós somos chamados a ir ao encontro do outro, a passar à outra margem, a ser os que *atravessam fronteiras* (cf. *Sfc* 36), sejam geográficas, sociais, culturais, políticas ou religiosas. Desde a *lógica do dom* e uma *espiritualidade de presença e de despojamento*, sem excluir a ninguém e abraçando a todos, “sem nos deixar prender pelas barreiras criadas pela ideologia dominante” (*Sfc* 37), e sustentados pelas tradições filosóficas, teológicas, místicas e artísticas de nosso patrimônio franciscano, para não ser presa fácil do fundamentalismo e das tendências “emotivas” do presente (cf. *Sfc* 13), somos chamados a pregar o Evangelho com a palavra e a obra e, deste modo, ser “farol de esperança, numa oferta de fé e de comunhão” (*Sfc* 37).

Muitos são, queridos irmãos e irmãs, os desafios que nos lança o documento final do Capítulo geral extraordinário que acabamos de celebrar. Por motivos de espaço aqui somente temos feito referência a alguns. Teremos a *lucidez e audácia* para dar resposta a todos eles? A esperança, pela qual fomos visitados durante a celebração do Capítulo, assim como o grande número de irmãos e irmãs que já o estão tentando seriamente, me move ao otimismo.

Que nos acompanhe a todos a bênção do Seráfico Pai São Francisco. Feliz Páscoa de Ressurreição!




Frei José Rodríguez Carballo, ofm
Ministro geral